

HENRIQUE MANUEL PEREIRA
[ORG.]

Parte
América
Trijunperó

NO
LUME NOVO



Padre
Américo
Trijunperó
NO
LUME NOVO

PADRE AMÉRICO: FREI JUNÍPERO NO *LUME NOVO*

Organização, introdução e fixação de texto | Henrique Manuel Pereira

Capa e paginação | PEDRO CASCALHEIRA

Revisão | MARGARIDA BALDAIA

© Edição | TENACITAS-ALFORRIA

Distribuição | EDIÇÕES TENACITAS

Rua Bartolomeu dias, 23 – 3030-041 Coimbra

geral@tenacitas.pt/www.tenacitas.pt

1.ª edição | Outubro 2015

Impressão | Papelmunde

ISBN | 978-989-8665-13-3

Depósito legal |

Este livro foi composto com os caracteres Futura e Minion Pro.

O miolo foi impresso em papel Natural 90 g e a capa em Cromo 240 g.

HENRIQUE MANUEL PEREIRA
ORG.

Padre
Américo
Triguero
NO
LUME NOVO



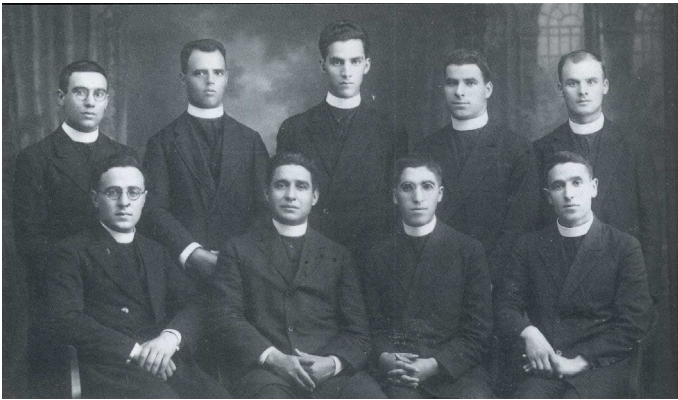




A.N. Pereira

Índice

Américo Monteiro de Aguiar: Seminário e <i>Lume Novo</i> – 90 anos <i>Henrique Manuel Pereira</i>	11
Vantagens da Gazeta	71
Estranhos costumes do Oriente	73
As pombas	75
Mulheres depreciadas	79
Um milagre	81
Mansões de paz	89
Aleluia!	101
Uma grande descoberta	103
A catequese na colónia de férias	109
S. O. S.	115
As pérolas	117
Doas palavras acerca de duas coisas	123
[Alguma coisa do que eu senti]	137
[O apóstolo do amor e da vida]	143
Uma rapsódia	153
As experiências de dois famosos viandantes	167
Das coisas e das pessoas	185
Os albinos	193
O Cantador	199
Das coisas e das pessoas	209
Das coisas e das pessoas	211
Das coisas e das pessoas	219
Notas	229
Textos de Américo Monteiro de Aguiar (Frei Junípero) publicados em <i>Lume Novo</i>	237
Anexos	
“Lu penga alira”	245
Só um dia feliz?...	251



Padre Américo e condiscípulos, em Coimbra.

Da esquerda para a direita: (*sentados*) Padres António Lopes Baptista, Américo Monteiro de Aguiar, Augusto Nunes Pereira, António Antunes da Cruz Gomes; (*de pé*) Miguel Domingos Ferreira, José da Costa Melo, César Roque, Artur das Neves, José Martins dos Santos Lima.

Fonte: Manuel Almeida Trindade; Gabriel de Sousa, *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991, extratexto fotográfico.

AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR: SEMINÁRIO E *LUME NOVO* – 90 ANOS

É *tarde*. Não era tarde nem cedo; era a hora. Mas Ele não sabia, tão-pouco o repudiado. Nós não sabemos nada. As vistas de Deus Eterno acerca de cada homem não podem ser julgadas nem apreciadas pelos homens. Quem havia de dizer que, sendo *tarde*, o mal acolhido no Porto, anos depois, havia de trazer e plantar no coração da própria cidade as grandes emoções do Inédito! [...] Não era tarde, torno a dizer. Era a hora. Quando Deus chama, não vale a pena recalcitrar.
(P.^e Américo)¹

Pretende este volume assinalar uma dupla circunstância: a passagem de nove décadas sobre a entrada de Américo Monteiro de Aguiar, futuro Padre Américo e fundador da Obra da Rua, no Seminário Episcopal da

¹ [Padre Américo], “Alguns anos depois”. *O Gaiato*, n.º 288 (12 março 1955), p. 1.

Sagrada Família, a poucos dias de completar 38 anos de idade; e a publicação do primeiro número de *Lume Novo* revista manuscrita, profusamente ilustrada, dos alunos do mesmo Seminário Maior de Coimbra, onde ele terá começado a sua carreira de escritor.

I. Seminário

Corria o mês de julho de 1925. Américo Monteiro de Aguiar chegou a casa de seu irmão José, em São Miguel de Paredes, “desfalecido, desorientado”², a ponto de “a sós no quarto” irromper “em copioso pranto”³. Depois de uma vida profissional e economicamente bem sucedida em Moçambique, dera entrada no convento de Santo António de Vilariño, Tuy, em outubro de 1923. Tomou hábito a 14 de agosto de 1924, com 36 anos de idade e com o nome Frei Américo de Santa Teresa. Em agosto do ano seguinte poderia professar. Sucede que vinte e um meses volvidos, “chamado pelo Guardiã, este pediu-lhe para desistir, alegando que ‘não assimilava a vida monástica por ser muito impressionista’”⁴. Assim, “o P. Provincial, ao considerar o seu temperamento e fina sensibilidade que lhe prejudicava a saúde, já muito abalada, julgou prudente e preferível

² José Monteiro de Aguiar, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 326 (1 set. 1956), p. 2.

³ A. Moreira da Rocha, “Memorial: Dois eclesiásticos. I. — O Padre Américo Monteiro de Aguiar”. *Penafiel (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)* n.º 1 (1972), p. 40.

⁴ José Monteiro de Aguiar, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 326 (1 set. 1956), p. 2.

aconselhá-lo a entrar num Seminário em Portugal. A proposta fulminou-o. Ele queria professar”⁵. Todavia, “e apesar disso”, seu irmão, o padre José Monteiro de Aguiar, “nunca descobri[u] no seu coração o mais leve ressentimento contra os padres franciscanos de Vilarinho”⁶.

Terão sido nuvem escura para Américo Monteiro de Aguiar os meses do verão de 1925. “Durante este tempo fui testemunha de que antigos companheiros e amigos de África lhe batiam à porta no intuito de o convencerem a regressar a Moçambique.” Contudo, escreve o P.^e A. Moreira da Rocha, então aluno no Seminário Maior do Porto, “partiam pesarosos por não conseguirem demovê-lo do seu propósito. Debalde também empresas inglesas e alemãs, estabelecidas em Moçambique, teimavam em propor-lhe privilegiada situação económica”⁷.

De resto, o próprio Américo o confirma em carta a Simão Correia Neves (1888-1965), seu especial amigo desde o ano de 1915, em Lourenço Marques: “Álvaro e quejandos têm vindo aqui fazer tudo para me demoverem dos meus intentos, mas as raízes já estão muito fundas e tenho a certeza de que Deus me não larga da mão porque o procurei em espírito de muita sinceridade”⁸. O seu modo de viver era lição. “Edificava-me — testemunha

⁵ Rafael, Bispo de Limira, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 333 (8 dez. 1956), p. 1.

⁶ A. Moreira da Rocha, “Memorial: Dois eclesiásticos. I. — O Padre Américo Monteiro de Aguiar”. *Penafiel (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)*, n.º 1 (1972), p. 40.

⁷ *Ibidem*, p. 40.

⁸ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 426 (9 jul. 1960), p. 1.

A. Moreira da Rocha — a sua inabalável confiança em Deus e a esperança firme de que tudo Ele havia de encaminhar o melhor possível para a realização do seu ideal sacerdotal⁹. E, facto curioso mas não insólito na vida de Américo, “durante esses três meses, escondidamente, ia visitar com frequência uma velhinha cancerosa e um ancião asmático”¹⁰.

Depois, e em síntese, “pediu-se ao Bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, a admissão do Américo no Seminário diocesano. ‘É veleidade. Não o admito. Tenho tido desgostos e desenganos em casos semelhantes. Poupe-me esse desgosto.’ Falou-se ao Senhor Bispo de Coimbra, D. Manuel L. Coelho da Silva: ‘Que venha. Vamos a ver o que sai.’ Saiu o que saiu”¹¹. De facto, “não era tarde nem cedo; era a hora”.

Ele mesmo, em viagem rápida, traça o mapa e nos conduz de Moçambique a Coimbra:

Eu fiz exame de primeiras letras mesmo na pontinha do derradeiro quartel do século XIX. Durante muitos

⁹ A. Moreira da Rocha, “Memorial: Dois eclesiásticos. I. — O Padre Américo Monteiro de Aguiar”. *Penafiel (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)* n.º 1 (1972), p. 40.

¹⁰ O texto continua: “Tendo sabido estar o pobre *Antero do Cruzeiro* desprovido de roupa para se embrulhar de noite, pois não conseguia dormir por causa da asma que o afligia, foi dar-lhe, muito em segredo, um pano de alto preço, trazido de África noutros tempos”. *Ibidem*, p. 40.

¹¹ José Monteiro de Aguiar, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 326 (1 set. 1956), p. 2.

anos, ocupei-me a ver terras e gentes. A seguir aninhei-me num convento, onde aprendi um tudo-nada de latim. Quando me propunha ficar, os frades deram-me carta de marcha. Bati à porta do então Bispo do Porto. ‘Que não; já era velho e vinha do mundo.’ Fiquei no de Coimbra, onde os cónegos mai-los doutores da Igreja me deixaram passar com pena dos meus anos.¹²

Pelo *Livro de Termo de Matrículas*, registo n.º 262, de 1925, Américo foi admitido em 3 de outubro de 1925, como aluno interno pensionista. Outras vezes, por excesso de humildade, há de ele insistir na benevolência dos professores para consigo. Manuel de Almeida Trindade, seu antigo aluno de Português e afilhado de crisma, futuro bispo, debruçou-se sobre as suas classificações académicas, concluindo que “em todos os exames o Américo revelou-se sempre um aluno acima da média. Raras vezes se encontram nas atas de exames notas superiores às suas. No seu curso houve apenas um percalço: foi o do exame do 2.º ano de Canto gregoriano em que ficou *adiado*”¹³, por força de uma *gata*¹⁴.

¹² [Padre Américo], “Esclarecimento”. *O Gaiato*, n.º 17 (15 out. 1944), p. 2, col. 1.

¹³ Manuel Almeida Trindade, “O Padre Américo dos Gaiatos”. In Manuel Almeida Trindade; Gabriel de Sousa, *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991, pp. 146-147.

¹⁴ Não obstante, pedindo certo dia um Rádio, “a modos que estou com vergonha de o fazer, porque ele é também para mim. É mesmo muito para mim, embora os Rapazes aproveitem”, confessa: “Gosto loucamente de Música. Os meus Mestres do Seminário de Coimbra deram-me uma *gata* a cantochão, mas não me tiraram o ouvido nem

Certo dia, o P.^o Alírio Gomes de Melo, então professor de Filosofia, “passou-lhes um exercício escrito”. E, recorda Euclides de Oliveira Morais, então contemporâneo de Américo no Seminário de Coimbra:

Versou sobre o hilemorfismo.

Falando comigo, disse-me: “O do Américo é sem dúvida, o melhor. Nem admira, dadas as circunstâncias da sua posição social... Que lhe parece da vinda dele?”

Encolhi os ombros, pois nunca havia penetrado em tal mistério.

E ele voltou-me: “Para mim foi a dor que o trouxe.”

Contacto íntimo com a sua alma? Maneira de escrever?, de tratar os assuntos na aula? Não sei.¹⁵

Comecemos pelo início, outubro de 1925, segundo o fio da memória do mesmo Euclides de Oliveira Morais:

Estava eu na Prefeitura da 2.^a, dedicada a S.^{to} António de Lisboa, quando, certo dia do princípio de Novembro, o Sr. Bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva me aparece à porta do quarto com um Senhor bem posto, dizendo: “Aqui tem o Sr. Américo de Aguiar. Vem frequentar o Seminário e para a sua Prefeitura; mas fica ali num dos quartos da 1.^a. Quando se dirigir a si é preciso atendê-lo.”

o gosto.” [Padre Américo], “Um pedido”. *O Gaiato*, n.º 9 (25 jun. 1944), p. 3.

¹⁵ Euclides Morais acrescenta: “Quis esclarecer o assunto com aquele sacerdote, mas ele de nada se recorda já.” “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, n.º 388 (24 jan. 1959), p. 1.

E voltando-se para ele: “Este é o seu Prefeito. Quando necessitar de alguma coisa vem aqui pedir licença.”

Deu-me o Anel a beijar e a ele — e deixou-nos sós.

Era de poucas palavras o Sr. Bispo. Ninguém o estranhava; nem à firmeza e energia com que as dizia. O Américo também não, que eram quase conterrâneos e conhecidos, pelo menos de vista, da cidade do Porto.

Acompanhei o Américo ao seu quarto que era na fachada poente (n.º 14 ou 16?), tendo de atravessar o coro da Igreja a fim de passar de uma para a outra Prefeitura. Demos com o Cónego Dr. Liberato do Nascimento Tomé, professor do Seminário de Coimbra embora natural de Lamego, ao chegar ao corredor da 1.ª Prefeitura. Ele logo quis saber quem era e o que fazia o Américo, mas este guardou silêncio e fui eu que dei o recado. Logo o Dr. Liberato mete conversa em inglês. O Américo, com a maior das naturalidades foi respondendo. Passado tempo, me dizia o Dr. Liberato: “o nosso homem sabe da poda!”

Mais tarde o Sr. D. Manuel Coelho da Silva chamou-me e confidenciou: “Veio dos Rev.^{os} Padres Franciscanos, por tendências para coisas místicas, o que pouco se coadunava com o teor da vida deles. Isto para seu governo!” (É a primeira vez que esta confidência sai da minha boca e já lá vão cerca de 35 anos!)

Por algum tempo andei a aprender inglês com ele. Bom mestre, muito paciente comigo e sempre bem disposto, apesar dos meus esquecimentos. Depois desisti, que o meu serviço era na Secretaria Episcopal, nem sempre podia estar às horas marcadas e ele perdia tempo.

Mais tarde, quando me encontrava, repetia invariavelmente estas palavras naquela voz descansada e meia presa que todos lhe conhecemos: “O meu Prefeito! Quando o Sr. D. Manuel Luís Coelho da Silva me foi apresentar a ele, olhei-o de alto a baixo e disse para comigo: — Até nisto Deus me quer humilhar! O meu chefe era um escocês, alto e forte, de barbas bem tratadas... E agora é um padre baixito, franzino, de tez morena!”

Repetiu-mo a última vez no mês de Setembro antes de morrer, quando me foi visitar e às Senhoras da Quinta de Coura em Paredes do Douro, onde eu estava passando as minhas férias.”¹⁶

Manuel Rodrigues da Silva Veiga, natural de Aguada de Baixo (Águeda) foi admitido no Seminário de Coimbra, como aluno interno, em 8 de setembro de 1925. Pelo livro de matrícula, registo n.º 285, contava 11 anos de idade. Eis o seu depoimento:

O Seminário de Coimbra é composto de três edifícios: um ao centro, o principal, a que chamávamos Casa Velha; outro à sua direita, a Casa Nova; e o terceiro à sua esquerda, designado por Casa Novíssima. As duas últimas construções foram feitas, salvo erro, por D. Manuel C. Bastos Pina, antecessor de D. Manuel Luís Coelho da Silva, que era o nosso Bispo quando estivemos no Seminário. Era e é, ainda assim, o Seminário

¹⁶ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 387 (10 jan. 1959), p. 1.

de Coimbra quando o Padre Américo e eu lá demos entrada, ele com 38 anos e eu com 11.

Para a Casa Novíssima iam os “bichos”, os primeiranistas, que começavam então a sua vida nova no Seminário e dormiam numa grande camarata. A Casa Nova era para os segundanistas.

O Américo, como adulto, foi colocado na prefeitura dos teólogos, julgo que na terceira. Mais tarde passou para a primeira, a qual confinava com a segunda prefeitura, ambas da Casa Velha, para onde iam os terceiranistas. E digo isto, porque me lembro perfeitamente de ouvir dizer, quando lá estive (na segunda), que o Américo tinha ali um quarto voltado para os claustros.

No refeitório ele ocupava a mesa central, juntamente com os teólogos e os finalistas de preparatórios (6.º ano). Era muito alto e sobressaía dos outros todos. Nós, os “bichos”, ficávamos na mesa logo à entrada e quando olhávamos para a mesa do centro ficávamos muito admirados por ver ali um aluno muito mais velho e mais alto do que os outros. E perguntávamos:

— Quem é aquele?

— Aquele é o Américo de Aguiar.

E logo os mais bem “informados” diziam que ele tinha estado em Moçambique; que trabalhara lá com ingleses e alemães. Até falava inglês, o que para nós era uma coisa extraordinária, visto nessa altura não se estudar inglês no Seminário. E quando se perguntava como fora parar ao Seminário, apenas se dizia que “era uma vocação tardia”.

Diziam também que visitara a Inglaterra e era muito viajado. Tudo isto, para a nossa imaginação infantil e

vindos quase todos do meio rural, constituía objeto de curiosidade e causava-nos uma admiração espantada. Era, de facto, um caso invulgar e todos o aceitavam como tal. Recordo-me até de dizerem, quando ele estava na primeira prefeitura, que tinha uma máquina de fazer café no quarto! Naquele ambiente de disciplina apertada isto afigurava-se-nos uma coisa nunca vista. Como era possível que um seminarista tivesse uma máquina de fazer café no quarto? Ninguém se escandalizava com isso, claro, pois ele era um caso invulgar e todos o aceitavam como tal, mas o facto não deixava de acentuar o ambiente de mistério que o rodeava.

Devido à diferença de idades e à circunstância de vivermos sempre em prefeituras diferentes, muito poucas palavras troquei com o Américo. As melhores informações que tenho dele recebi-as do meu cunhado, José A. de Miranda, que foi seu companheiro de prefeitura e suponho que também seu condiscípulo. Foi ele que me narrou o curioso episódio da “guerra do óculo”, que se tornou depois conhecida de todos e aprovada com satisfação geral.

Porquê a “guerra do óculo” e em que consistiu?

Todos os quartos possuíam, mais ou menos à altura dos olhos, um “óculo” ou buraco pelo qual o prefeito observava o que se passava no quarto do aluno. Todas as portas eram fechadas à chave, por fora, por um ajudante de prefeito, depois de todos recolherem aos seus quartos. As chaves eram colocadas num ferro em S, à medida que ia fechando as portas. Na manhã seguinte, o mesmo ajudante de prefeito começava pelo outro lado do S a abrir

as portas, começando pela mesma chave. De noite dizia: *Dominus vobiscum*; e o companheiro respondia do lado de dentro: *et cum spiritu tuo*. De manhã: *Benedicamus Domino*; e o companheiro respondia: *Deo gratias*.

Era este o ambiente de disciplina em que se vivia no Seminário de então, onde a frequência era muito grande nessa altura. Recordo-me de que éramos ao todo 160 seminaristas. A disciplina era necessária para manter ordem num conjunto tão grande de jovens e guardar um ambiente de recolhimento, de piedade e de vida espiritual. Discutia-se, porém, se aquele era o melhor processo de manter essa disciplina e de a tornar eficaz. Fosse como fosse, era assim que lá vivíamos.

Ora, quem conheceu o Padre Américo e o seu convívio com ingleses e alemães, e o sentido de responsabilidade pessoal e de liberdade de agir em consequência da educação inglesa, pode imaginar o efeito que este sistema educativo e disciplinar podia causar no seu espírito.

Foi assim que ele decidiu fazer a chamada “guerra do óculo” para acabar com o buraco nas portas dos quartos dos alunos e abolir a vigilância quase policial. E conseguiu-o. [...] ¹⁷

J. D. P., ao tempo do seu depoimento Juiz Desembargador jubilado, era um adolescente de 14 anos de idade quando conheceu Américo Monteiro de Aguiar:

¹⁷ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 1094 (15 fev. 1986), pp. 3-4.

Foi em princípios de Outubro de 1925, logo no início do ano letivo. O “Senhor Américo”, como nós os miúdos o tratávamos, chamou logo a atenção de todos — não porque fizesse por dar nas vistas, mas pelo facto de todos nós entrarmos no Seminário ainda crianças e ele ser um homem feito, já a ultrapassar, no dizer de Dante, “o meio do caminho da vida”, e, além disso, porque o seu comportamento e mentalidade saíam dos moldes habituais do comportamento e mentalidade dos seminaristas e dos próprios padres dessa época. Assim, ao passo que, nas horas de estudo, cada um tinha a estrita obrigação (que cumpria rigorosamente) de se manter no seu quarto, ele, com uma liberdade de movimentos muito sua, passeava largas horas, só, silencioso, recolhido, no recreio da “segunda prefeitura”. Além deste comportamento, que me levava, ao avistá-lo do meu quarto, a dizer com os meus botões: — “Mas este homem não estuda?” — havia pequenas circunstâncias em que revelava uma mentalidade própria. Por exemplo, quando havia uma festa, depois das canções e dos “discursos” habituais, sempre em tom de “edificação”, solenes, quase litúrgicos, acontecia pedirem ao “Senhor Américo”, como também lhe chamavam os próprios padres, umas palavras ditadas pela sua experiência de quem palmilhara as Sete Partidas do Mundo. Sem procurar fazer estilo, a palavra saía-lhe fluente (embora emperrasse um tudo-nada em certas sílabas, sem chegar a ser gago — o que emprestava à sua fala uma certa graça), sem procurar fazer estilo, repito, a palavra espontânea e num tom de singela sinceridade que logo cativava todo o auditório, nomeadamente o dos

mais novos porque, na idade em que tanto se apreciavam as “histórias”, sabíamos que íamos ouvir mais uma e, além disso, com o encanto do exotismo de terras distantes: Contava que, ao encerrar-se certa festa de estudantes ingleses ou de língua inglesa, depois de cada um proferir algumas palavras, poucas, de louvor à Mãe do Senhor diante da sua imagem anichada numa gruta a imitar a de Lourdes, todos em uníssono, com o entusiasmo e a frescura da juventude, gritavam um sonoríssimo “hurra!” em honra da Senhora. Tínhamos a sensação, depois da regularidade disciplinada, marcada a compasso, de todo o ritual da nossa “sessão solene”, de que no Salão de São Tomás de Aquino entrava o “povorello” de Assis com toda a sem-cerimónia, respeitosa mas descontraidamente, e com ele uma lufada de frescura matinal, que nos acariciava a alma. Notei, desde a primeira hora, no “Senhor Américo”, um franciscanismo de encanto, simplicidade e ternura que tudo transformava, muito naturalmente, em flores e a vida num jardim em que apetecia viver. [...] ¹⁸

Antes de avançarmos, importará, desde já, guardar esta aproximação a Francisco de Assis. Luciano Pereira de Carvalho, mais tarde Prior no concelho de Pampilhosa da Serra e no de Condeixa, foi também companheiro de Américo no Seminário e dele guardou memória impressionante. Partilhou-a, ficando registada em três números sucessivos do jornal *O Gaiato*, na rubrica “Facetas de

¹⁸ “Facetas duma vida: O meu último encontro com o Padre Américo”. *O Gaiato*, n.º 1106 (2 ago. 1986), p. 3.

uma vida”, coordenada pelo Padre Carlos Galamba. Com pureza e sabor a fonte, quase não admite retalho:

1.º AQUELE FIDALGO

Lembra-me como se fosse hoje. Estava nos últimos anos de preparatórios. Íamos a sair de passeio. Olhávamos com curiosidade aquele fidalgo que nos fora dado por companheiro.

Não tinha ainda a indumentária de seminarista e, por isso, envergava as suas roupas claras e principalmente aquela gabardine “cegava-nos”. Não parecia à vontade, por assim trajar, pois há pouco despira o burel franciscano. Mas que bem lhe ficava aquela roupa! Era homem, como ele dizia mais tarde, a rir, que sabia pisar alcatifas.

No passeio havíamos de conhecer o fidalgo... Porém, à saída, logo é procurado por alguns amigos, seus antigos companheiros de África — soubemo-lo mais tarde. E nunca mais o vimos à civil.

2.º – O CONFIDENTE

Tinha idade para ser nosso pai mas ganhámos-lhe todos tal amizade que, em breve, nos tratávamos por tu.

Nos recreios, ambicionávamos estar junto dele. A sua experiência ensinava-nos tanta coisa... Não desprezava ninguém. O seu coração para todos estava aberto.

Lembra-me duma aula de Teologia em que nem o Professor me compreendia nem eu compreendia o Professor. Esperava ser chamado a certa lição e gastei, a preparar-me, nove horas. Podia sabê-la de cor. Afinal não saímos da epígrafe!

O condiscípulo Américo, à saída da aula, puxa-me e vê as lágrimas de desespero, caindo em grossas gotas, dos meus olhos de vinte anos. Arrasta-me ao seu quarto na “Casa nova”, ouve a minha história, limpa-me o pranto, fala com o Professor... e tudo mudou.

Sobre a palavra “chatice” e contra ela, prevenia-nos de que já tinha aparado lágrimas amargas a um que a usava muito. Pelo que se vê, sabia e gostava de aparar lágrimas.

3.º – O COMPANHEIRO

Na colónia de férias de Buarcos, o Américo era a alma das nossas diversões. Aquelas fotografias são preciosas.

Dum passeio às docas da Figueira, regressávamos a Buarcos numa traineira. O Gaspar (Professor José Maria Gaspar) teimou arrojadamente ir no ‘dóri’. Nessa viagem tornou-se mais branco... Estava à carga um barco inglês e dissemos ao Américo: “fala para eles”. Não se fez rogado e dizia depois: “eles, a falar inglês, são como os nossos provincianos a falar português.” E acrescentava modestamente: “falo e escrevo mais à vontade o inglês que o português.”

Por esses tempos, ainda pouco se falava em telefonia.

O Sr. Cónego Tomás F. Pinto tinha pois ao nosso dispor uma grafonola. Ora, numa tarde em que girava um disco com uma valsa, Américo agarra uma enxada, faz dela o seu par e dançou com tal primor, que nós todos ficámos suspensos de admiração.

Foi com ele que aprendi a palavra ‘pitéu’; foi feita por ele a primeira salada de tomate que comi; e com ele é que aqueles púcaros de esmalte que serviam à água, vinho,

café, etc., ficaram consagrados com o nome ‘adômnias’ — para tudo...¹⁹

4.º – VIDA INTERIOR

O Américo era homem que meditava. Teve sempre aquele jeito mesmo antes de abandonar o mundo. Estão-me a lembrar cabazes de violetas que ofereceu às freiras, à passagem pela Madeira. Fazia-lhe ‘espécie’ aquela alegria das raparigas que viviam tão afastadas dos divertimentos ruidosos da nave e riam como crianças. Gostava também de contar, porque muito o impressionara, o encontro com um sacerdote a quem se dirigiu e por acaso se espraiou em comentários às comodidades e belezas materiais de certa estância de águas... E perguntava a si mesmo: “porque é que, sendo ele padre, não fala só de Deus, das almas?... Leu?” E ficava triste pois se convencia de que o homem não vivia o seu Sacerdócio.

Vi-o em 1928, após a Conferência do Padre Mateo sobre o Inferno, no Salão de S. Tomás, ajoelhado diante do Santíssimo, com as mãos a cobrir a cara e a chorar convulsivamente. Acompanhei-o imensas vezes na Via Sacra. Observei-o a meditar com certo padre, já velhinho, que estava em concerto... Não se pense que só sabia as obras de Misericórdia Corporais ou que a sua Caridade acabava no pobre; não. Subia mais alto... Àquele que disse: “A mim o fizestes!” [...]

¹⁹ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 399 (27 jun. 1959), pp. 1, 4.

5.º – O MESTRE

Os discursos do Américo nunca os achávamos longos. Havia tal silêncio, embevecimento, quando ele falava ou escrevia, que não se podia fazer festa em que o Américo não botasse fala.

Não me esquece o Carnaval em que fiquei com outro condiscípulo guardando o malogrado P. Costa Borges. O que me custou mais, foi privar-me de ouvir o discurso do Américo.

Ficaram-me gravadas algumas frases dele, como: ‘O galopar tempestuoso das enormes locomotivas ao chegar ao Cabo’, ‘glorious morning’ (gloriosa, esplêndida manhã)..., ‘momento de eternidade...’

Lembra-me também com frequência a descrição que nos fazia do trágico afundamento do Titanic e, principalmente, das circunstâncias em que teve conhecimento dessa tragédia. Viajava de barco no Mediterrâneo, quando receberam o S. O. S. do Titanic. Após a perda do transatlântico, a orquestra de bordo tocou o ‘Mais perto de vós, meu Deus, mais perto de vós!’ que todos ouviram de joelhos e olhos cheios de lágrimas. Só ele o sabia contar de modo a fazer-nos chorar.²⁰

6.º – O ANIMADOR

— Estávamos em Buarcos quando, em 1928, faltavam justamente trinta anos para a celebração do centenário da fundação do Seminário de Coimbra. Falei nisso ao Américo, que imediatamente me obrigou a preparar um

²⁰ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 400 (11 jul. 1959), p. 2.

brinde (com um ‘ad omnia’) para comemorar o facto... Ele é que me deu a primeira frase — ‘os mortos mandam’ — do tribuno espanhol. É claro que se tinha de falar no Santo D. Miguel da Anunciação... O nosso humilde contributo.

— Quando recebi o Subdiaconado, ofereceu-me os dois volumes do ‘Berthier’ com a dedicatória: “... Como sinal de reconhecimento pela lembrança que me não deu etc.”. E no fim a célebre assinatura: “P.^e Américo!”²¹

Outro contemporâneo de Américo, José Ribeiro da Costa, futuro padre de São Lourenço do Bairro, diocese de Aveiro, recorda:

O Américo habitou o 3.º quarto a contar da travessa norte para a do meio, no corredor da 3.ª Prefeitura. No quarto vizinho, o 2.º morava eu:

Todos os dias no fim da refeição do meio-dia lá ia ele para o quarto fazer o seu cafezinho, que nunca dispensou. E, batendo na parede, anunciava ao vizinho que viesse tomar também.

Estava autorizado a isso e utilizava uma pequena máquina a álcool para o fazer.

*

Tinha tido uma educação inteiramente livre que mal se coadunava com certos princípios da disciplina do Seminário. O que para outros era fácil, porque o faziam desde crianças, a ele tocava-o na sensibilidade — e sofria!

²¹ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 401 (25 jul. 1959), p. 2.

Uma vez, o Prefeito Padre Augusto da Silva Campos Neves deu certa ordem. Ao Américo custou-lhe tanto, que cobriu a cabeça e o rosto com a capa e foi assim cumprir. Não consegui averiguar do que se tratava.

Compreende-se melhor, assim, os princípios que adotou para base da educação da pequenada nas suas Aldeias.

*

Amigo de todos, vivia muito na intimidade do Padre Cruz Gomes, ligado por afinidades de espírito.

Alguns não o consideravam e tinham-no como suspeito. A maior parte, porém, considerava-o um homem superior. [...]

Pouco se lhe dava com o vestuário. Não era desleixo nem falta de educação, pois trazia outros hábitos do século; mas espírito de pobreza, pois dizia: “Os Pobres ainda têm menos”.²²

Silvestre Dias Gouveia, apontado entre os mais íntimos companheiros de Padre Américo no Seminário²³, futuro padre de Assafarge, Coimbra, depõe:

²² “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 391 (7 mar. 1959), pp. 1, 5.

²³ Assim o afirmou o falecido Padre Augusto Nunes Pereira, pelo ano de 1959, sendo prior de São Bartolomeu de Coimbra: “Amigo de todos, havia contudo um grupo de condiscípulos por quem tinha especial estima: António Antunes da Cruz Gomes, falecido sendo professor de Teologia no Seminário de Coimbra; Augusto Nunes Pereira, atual Pároco de São Bartolomeu, em Coimbra; Silvestre Dias Gouveia, Vigário da freguesia de Assafarge da Diocese de Coimbra; César Roque Pereira, que faleceu Pároco de Mouronho, concelho de

Durante o tempo de seminarista vivemos em Prefeituras diferentes. Era quase só o contacto do corredor das aulas ou dalgum recreio em comum e das colónias de férias dos seminaristas. Mas, apesar disso, devido àquele poderoso dom de simpatia, que todos lhe conhecemos, a influência de Américo fez-se logo sentir em mim, como em tantos outros, que testemunhem o mesmo. Era para nós um polo de atração. Modificou costumes. Reformou hábitos. Tinha sobre mim e outros uma autoridade que ele não impunha mas nós aceitávamos. O seu exemplo era lição.

Especialmente aquela sua jovialidade, bom humor e... piedade — amor dos pobres, da eucaristia e da oração silenciosa, foram algo de novo.²⁴

O cuidado de Américo pela formação dos seus companheiros, “quase todos muito mais jovens”, releva das memórias de quem com ele viveu no Seminário. Assim, por exemplo, Padre Eugénio Martins:

Ele (o Américo) tinha a preocupação da perfeição em grau superior ao comum, talvez como todos os convertidos, e reparava nas mínimas coisas, que não deixava passar em vão. Muito hábil para lidar com os homens, quase instintivamente lhe acudiam meios de os conduzir. Entre eles a alegria e boa disposição. Nisto era mestre consumado.²⁵

Tábua; Raul Mira, atual Reitor do Seminário de Quelimane; e outros.” Cf. “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 389 (7 fev. 1959), p. 1.

²⁴ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 395 (2 maio 1959), p. 1.

²⁵ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 390 (21 fev. 1959), p. 1.

Augusto Nunes Pereira, de quem adiante nos ocuparemos de forma mais circunstanciada, recorda que “o seu amor à Santa Eucaristia era tal, que não se conformava com o regulamento de Sexta-Feira Santa proibindo a Sagrada Comunhão. Duma vez insistiu tanto que lha ministraram naquele dia”²⁶. Dito isto, Carlos Galamba compreende melhor “a grande alegria” que Pai Américo “experimentou, quando da Reforma Litúrgica do Tríduo Pascal que restabeleceu a Comunhão dos Fiéis na cerimónia da tarde de Sexta-Feira Maior”²⁷. No quadro da sua vida de piedade importará aditar o testemunho do padre Euclides Morais:

Confessava-se muito amiúde. Algumas vezes chegou ao pé de mim para que o confessasse. Alguns sacerdotes não o haviam querido atender, alegando que era santo, o que muito o incomodava — dizia. E, de facto, vinha sempre visivelmente triste quando isso lhe acontecia.

No Seminário procurava o Senhor Bispo D. António Antunes, ou o Senhor Cônego Júlio António dos Santos. Na falta deles, ia ao primeiro que encontrava.²⁸

Outro contemporâneo, “alguém que acompanhou de perto Pai Américo desde a sua preparação para o sacerdócio e ao longo dos seus primeiros quinze anos de padre”, sob o pseudónimo Lagriel, testemunha:

²⁶ *Ibidem*, p. 1.

²⁷ *Ibidem*, p. 1.

²⁸ *Ibidem*, p. 1.

Em setembro de 1927, em período de férias, saí da minha aldeia, de manhã, a pé, e dirigi-me ao Seminário de Coimbra para tratar do meu ingresso neste Seminário. Já passava da hora do almoço quando encontrei o senhor Américo, seminarista de Teologia, mas que, na ausência de ecónomo, fora já então encarregado dessa missão. Como eu não tinha almoçado nem poderia fazê-lo ali, pois ainda não era seminarista, o senhor Américo, ao saber que eu só comeria à noite quando chegasse a casa, teve pena de mim, condeu-se, saltou por cima das leis, dos regulamentos, das contas e logo ali se assaram, na cozinha, duas postas de bacalhau que comemos, regadas com azeite e acompanhadas com broa. Foi este o primeiro *flash* deste Américo que se manteve até ao fim... até ao meu fim! Simplicidade total, ausência de preconceitos, o verdadeiro amor do Próximo que salta por cima de legalismos, arrastando com todas as consequências, sem medidas do nosso mundo, nem requerimentos, nem licenças, tudo em linha reta.

No ano letivo de 1927-1928, era o senhor Américo ajudante de prefeito na Casa nova (um dos edifícios do Seminário) onde eu estava como seminarista. Ele era o nosso pai. Tínhamos com ele a mesma confiança, o mesmo à-vontade. Foram dois anos lá. Eu recordo-os bem, com memória de velho... melhor para o passado longínquo. Claro que é uma avalanche sem nexos, factos e sentimentos confundidos.

O nosso “ajudante”, já quarentão, sempre risonho, de braços largamente abertos, rindo por vezes livremente, já com o seu jeito de meditação inclinada, não usava

calças mas apenas a sotaina, as sandálias, a capa eclesiástica, a cabeça descoberta. Nós estudávamos latim e outras matérias; ele, a sua Teologia. Nós éramos uns gaiatos travessos, curiosos. Por isso, confiadamente, lhe levantávamos a sotaina para ver se era verdade que não trazia calças. Era mesmo. Dizia-se também que, por vezes, usava cilício, um cordão com nós sobre a carne; e que se penitenciava, se chicoteava, antes de se deitar. Nunca pudemos comprovar esta parte. Éramos tão infantis! Mais tarde, porém, eu tive a certeza de que o padre Américo lutou contra o estímulo da carne que já atormentara o Apóstolo S. Paulo.

Embora, por instantes, caísse em profunda meditação que até se manifestava em contrações do seu rosto corado, o senhor Américo era de uma alegria esfuziante.

O senhor Dr. Trindade Salgueiro, futuro Arcebispo de Mitilene e de Évora, seu professor e defensor, chamava-lhe o “Passarinho”. E era mesmo.

Não havia ali sombra de fingimento. Era natural, tudo lhe vinha de dentro. Sempre pronto a amar toda a gente. A todos.²⁹

Quando os seminaristas estavam doentes, ele era médico, enfermeiro, pai mais que afável e caridoso. Claro, como se disse atrás, não era inclinado a cálculos, a contas. Por vezes fazia-nos ficar na cama com uma gripeca... Uns adoravam, outros refileavam e alguns abusavam.

²⁹ “Facetas duma vida: Recordações”. *O Gaiato*, n.º 1044 (17 março 1984), p. 3.

O senhor Américo era tão zelador do conforto dos doentes, alguns por manha, que até conservo uma recordação penosa. Ele obrigou-me a mim, de raça pequena, a alombar com pesadíssimos tabuleiros carregados de pratos, panelas e travessas, tudo a abarrotar de comida para os tais doentes. Eu até chorava, porque os braços fracos não aguentavam, doíam, e as mãos quase deixavam cair tudo...

Como o senhor Américo tinha dinheiro seu, conservava no seu quarto bela fruta. Evidentemente que quem comia a maior parte dela éramos nós.

Até roubávamos...

Mas não era sem contrariedades a sua alegria, para além de ter que viver as nossas travessuras e a nossa dedicação filial. Por exemplo, o nosso prefeito, de quem ele era ajudante, enlouqueceu. Oh! como o senhor Américo sofreu até que esse pobre foi levado para o Telhal! Um dia, este infeliz atirou seu barrete eclesiástico para a cerca do Seminário. Depois, em altos gritos e ameaças, culpou o senhor Américo de o ter feito. E bateu-lhe.

De outra vez, como era moda, obrigou-o a ir comprar umas botas com sola de borracha virgem, como se dizia então, uma sola branca em calçado preto, e forçou-o a mostrá-las a todos os alunos da prefeitura, indo de quarto em quarto. O nosso ajudante era a paciência personificada, a simplicidade total, livre de qualquer assomo de vaidade ou orgulho. Usava cabelo curto e comia como qualquer outro seminarista. Lembro-me de que comia, com gosto particular, peixe cozido com

arroz, um peixe grosso cujo nome não sou capaz de lembrar, talvez por nunca o saber. Gostava de sopa, de uma boa chávena de café. Não tinha nenhum dos carismas dos santos tradicionais. Não era sorumbático, não andava sempre a rezar, não tinha posições de penitente, não lançava tiradas místicas nas suas falas ou pregações. Defendia com calor vivo os Fracos, já então os Pobres, e insurgia-se contra os falsos profetas. Se insurgia!

Quando ele já era padre, há anos, todo lançado na sua missão do Evangelho puro, eu, em Coimbra, ouvia falar do santo padre Mateo, do santo padre Cruz, do santo cónego Nogueira, mas nunca do santo padre Américo. E não ouço falar da sua canonização... Ou será que tudo isso nunca chegou aos meus olhos ou aos meus ouvidos?! É possível.

Deixemos porém as divagações e voltemos aos sofrimentos do senhor Américo. [...] ³⁰

Em muitas circunstâncias o padre Américo sofreu as inclemências dos seus padres. Alguns não compreenderam a sua vocação, a sua missão, a sua obra. Eram rigo-ristas, tudo viam pelo cálculo, pela fachada bem orde-nada e disciplinada. Lembro-me de casos tristes que nem é bom lembrar. [...] ³¹

³⁰ “Facetas duma vida: Recordações”. *O Gaiato*, n.º 1045 (31 março 1984), p. 4.

³¹ “Facetas duma vida: Recordações”. *O Gaiato*, n.º 1046 (14 abril 1984), p. 4.

Do ponto de vista cultural, que atividades havia no Seminário de Coimbra pelos finais da década de 1920? Responde o já citado Augusto Nunes Pereira:

Havia um *Círculo de Estudos*, fundado por orientação do Rev.º Dr. José Lourenço, O. P., Diretor Espiritual e Professor de Dogma. Funcionava na 3.ª Prefeitura, frente ao escritório do Prefeito, onde se organizara uma pequena biblioteca de livros mais atuais, tirados da Biblioteca Geral do Seminário.

Por proposta do Américo, iniciou-se uma série de pequenas palestras semanais pelo seu curso e outros. Cada um sua semana. Assunto à escolha, mas prático. E não deveria durar além de cinco minutos...³²

Terá sido precisamente nesse Círculo de Estudos, de resto mais pastoral do que acadêmico, que, de modo especial, Américo “fez bem” aos seus companheiros. Assim, por exemplo, “notando que alguns não comunicavam, disse-lhes: ‘Todos têm mais de 16 anos... Deviam, pois, tomar a sério um certo número de coisas e habituarem-se ao sentido da responsabilidade. Por exemplo: a Comunhão! As ausências da *Mesa Santa* são um sintoma triste. Para mim pedirei a Deus que me leve à *Comunhão Eterna* no dia em que tiver de ficar sem

³² E acrescenta: “O Professor José Augusto de Miranda, ao tempo seminarista, conserva algumas dessas palestras. Do Américo, porém, não tem nenhuma.” “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 388 (24 jan. 1959), p. 1.

Comunhão.’ E, testemunha A. Nunes Pereira, “coisas semelhantes lhes dizia nas reuniões”³³.

Também no corredor da 3.^a Prefeitura, onde, recorde-se, Américo habitava, corria entre os seminaristas “uma publicação manuscrita, a ‘Folha de Oxford’, mas quase só para a risada. [...] O Américo ainda colaborou nela e chegou a datilografá-la”. Sim, porque o senhor Américo levava uma máquina de escrever para o Seminário³⁴. Acontece, porém, que “a folha não estava no seu feitio, nem dos que mais o rodeavam — e resolveram fazer uma a sério”. Combinaram “dar cada um a sugestão do título num bocado de papel lançado secretamente numa bolsa”. Não obstante, “viu-se que resultava ainda o predomínio da galhofa. Por proposta do Américo, foi encarregado da escolha do título o Augusto Nunes Pereira, que, sob a influência da leitura de António Sardinha, sugeriu ‘Lume Novo’”³⁵.

Todos os testemunhos que temos vindo a citar, de forma deliberadamente longa, circunscrita aos contemporâneos de Américo e ao período do Seminário de Coimbra, encontram-se publicados nas páginas de *O Gaiato*, na preciosa rubrica “Facetas de uma vida”. E, desnecessário é dizê-lo, não secámos a fonte.

³³ “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, n.º 389 (7 fev. 1959), p. 1.

³⁴ Cf. Ernesto Candeias Martins, em particular: *Padre Américo: O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)*. Coimbra-Castelo Branco: Alma Azul, 2004, p. 217.

³⁵ É o próprio A. Nunes Pereira quem o testemunha: “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, n.º 389 (7 fev. 1959), p. 1.

II. *Lume Novo*

O escritor não diz só o que escreve; diz também o que é.

(Frei Junípero)

Eu também gostava de ser assim um livro aberto [...] só com duas folhas; uma em branco, aonde Deus escreve; outra escrita aonde o povo lê.

(Fr. Junípero)

Oh! como são extraordinariamente felizes os que sabem viver, deixando-se morrer aos bocadinhos!

(Fr. Junípero)

Lume Novo era, pois, a revista manuscrita e ilustrada dos alunos do Seminário Maior de Coimbra, cujo primeiro número traz a data de 8 de dezembro de 1926. “A princípio apresentava-se com quatro ou cinco dezenas de páginas e várias vezes no ano. Mais tarde passou a anual. Aumentou de formato³⁶, melhorou a apresentação e multiplicou o número de páginas³⁷. Assim se

³⁶ Os treze primeiros números, por nós analisados, têm em média o formato de 23,5 x 17 cm e, via de regra, não têm indicação de página. O papel, de gramagem alta, oscila entre o branco e o linhado. A capa é brochada, com exceção para o n.º 4 que apresenta uma capa dura revestida a tecido. O n.º 6 tem badanas e é, em número de páginas, o mais extenso dos treze. Não tivemos acesso aos n.ºs 5, 10 e 12.

³⁷ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 358 (30 nov. 1957), p. 1.

mantinha em 1957 e assim se manteve até, pelo menos, meados da década de 1960, “costumando ser lido do alto da tribuna do refeitório dos alunos”³⁸.

Lume Novo sucede à *Folha de Oxford*, a qual, por sua vez, terá substituído anteriores folhas soltas, elaboradas pelos seminaristas, “algumas das quais conseguiram atingir brilho invulgar e vida duradoira”, como sejam: “*a Ordem, Alma Nova, Cronista, Farol, Lábaro, Juventude, Ecos, Folha*”³⁹.

Como adiante se mostra, na página correspondente ao frontispício ou folha de rosto do primeiro número de *Lume Novo*, por baixo do título, e como que a justificá-lo, pode ler-se:

Não é de pão que o homem vive apenas,
vive também de luz.

Ó Padre-Nosso, com o pão de cada dia,
Dai-nos a luz de cada noite,

— Amen, Jesus!

António Sardinha.

Recorde-se que por proposta de Américo, e segundo testemunho do próprio Augusto Nunes Pereira, este foi encarregado da escolha do título da revista que sucedeu à galhoifeira *Folha de Oxford*. Não admira portanto que o texto à laia de Editorial do primeiro número tenha por assinatura as iniciais A. N. P.:

³⁸ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 358 (30 nov. 1957), p. 1.

³⁹ Segundo testemunho do então cônego Eurico Dias Nogueira. Cf. “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 358 (30 nov. 1957), p. 1.

Porque mudaram o nome à revista? Perguntará talvez alguém, julgando haver aqui algum mistério.

A razão é óbvia. O nome 'Folha de Oxford' não tinha significação. Eram três palavras. Ora isto para nós não servia. Habituíamo-nos já a saber dar a razão do nosso proceder. Daí a mudança.

*

Não é um título de espanto, não é um nome galhardo, aquele com que a nossa revista se apresenta agora em público. E, não obstante, que elevado pensamento ele encerra!

Lume Novo quer dizer: lume que começa a acender-se ou que de novo se acende.

É lume novo o que a dona de casa acende cada manhã no seu lar, e o da candeia que foi de azeite provida.

No sentido figurado — o que mais importa para o nosso caso, é *Lume Novo* qualquer artigo publicado nesta revista. É lume porque ilumina, instrui; é novo porque ou era desconhecido, ou se apresenta sob um aspeto novo. É lume enquanto nos afervora, nos aquece e nos anima a trabalhar; é novo porque varia e se renova com a variedade dos assuntos. É ainda lume porque provém do fósforo; e é novo porque nós sempre estamos a adquirir conhecimentos novos.

É *Lume Novo* o nosso entusiasmo de novos, os primeiros ensaios da nossa pena, os primeiros voos da nossa alma.

O lume ilumina e aquece. Que o nosso *Lume* aqueça e ilumine. Ilumine com novos conhecimentos tanto

quem lê como quem escreve. Aqueça a todos nós em mútua união de caridade (e este número é uma vitória da união sobre os partidos).

Lume Novo, portanto, deve ser o nosso programa, até mesmo na ordem moral. Não há, porém, lume sem que alguma coisa se queime. Que admira, pois, se tivermos de fazer algum sacrifício para conservar sempre novo o nosso lume?

Não haja particularismos; todos unidos. As achas, quando espalhadas, não produzem luz nem calor; juntas, é grande o calor e a luz que irradiam.

A união faz a força. Mas não há verdadeira união sem caridade. A caridade é lume.⁴⁰

Confrontando o Editorial com o que se diz em “Vantagens da Gazeta” — “Procuremos viver todas as horas dos dias presentes em espírito de muita alegria e muita sinceridade. Nada de animosidades nem melindres. Isso não faz sentido na vida que nos propomos”⁴¹ —, não é difícil perceber a sintonia de espírito de quem os escreveu. A eles — Augusto Nunes Pereira e Américo Monteiro de Aguiar — se deve, de resto, a cofundação da gazeta *Lume Novo*.

Américo de Aguiar colaborou no *Lume Novo* entre os n.ºs 1 e 13, descrevendo a sua colaboração um arco temporal de 8 de dezembro de 1926 a junho de 1930. Assinou, quase invariavelmente, sob o pseudónimo Frei

⁴⁰ A. N. P., “Lume Novo”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926).

⁴¹ Frei Junípero, “Vantagens da Gazeta”. *Lume Novo*, n.º 1 (8 dez. 1926). Adiante, p. 72.

(ou Fr.) Junípero. Apenas por uma vez, e julgamos que não por acaso, firmou Américo d'Aguiar. Foi isso no texto "Mansões de Paz", significativamente dedicado a Francisco de Assis, como se, por entre textos de humor, entretenimento interessante e pedagogia mais ou menos edificante, quisesse dizer "isto é importante, isto é sério, por isso o assino com nome próprio". Importa porque, em síntese, se trata do homem que, como nenhum outro, soube "desprezar a vida para a viver na sua plenitude"⁴². Para Américo, S. Francisco "personifica o ideal cristão; é o irmão de Jesus Cristo, acessível à razão pura sem mistérios nem dogmas nem milagres, e esta é a feição da sua vida que atrai as vistas dos grandes pensadores e artistas, quando começam a indagar o porquê da vida, o segredo da existência e o enigma eterno da morte!"⁴³. E acrescenta: "Nós, porém, sabemos mais e melhor: Conhecemos a força inexplicável da sua vida de prodígios", qual seja:

amava primeiro que tudo e acima de tudo Deus.

Era o amor de Deus que lhe enchia a alma e, transbordando, comunicava-se tão extraordinariamente às criaturas. Era o amor sobrenatural que lhe conquistava então e conquista hoje, aquela força irresistível e transcendente que produz a veneração e o respeito de toda a gente pela sua vida sublime. Desposando a sua noiva, a Santa Pobreza, o filho de Bernardone rasga novos

⁴² Américo d'Aguiar, "Mansões de Paz". *Lume Novo*, n.º 2 (fev. 1927). Adiante, p. 91.

⁴³ *Ibidem*. Adiante, p. 92.

horizontes na vida; descobre um novo mundo e vê numa luz nova os pobres e os ofícios humildes.⁴⁴

Dir-se-ia tratar-se de um autorretrato ou, com mais propriedade, de uma profética projeção. Como vimos, quem com ele partilhou o tempo de seminário notara “desde a primeira hora, no ‘Senhor Américo’, um franciscanismo de encanto, simplicidade e ternura que tudo transformava, muito naturalmente, em flores e a vida num jardim em que apetecia viver. [...]”⁴⁵.

Este testemunho tem a autoridade de uma evidência. Com efeito, e desde há muito, “a vida de S. Francisco entusiasmava-o; era o modelo das suas aspirações”⁴⁶. Atesta-o D. Rafael, Bispo de Limira, homem a quem Padre Américo ofereceu um exemplar do *Pão dos Pobres* com esta expressiva dedicatória: “Ao meu Excelentíssimo Amigo Senhor D. Rafael, que me abriu o Caminho da Luz [...]”⁴⁷. Padre Manuel Mendes dedicou especial atenção não apenas ao período de que nos ocupámos mas também, de forma particularmente interessada, ao percurso vocacional de Padre Américo⁴⁸. Tudo quanto a este respeito se escreva será porventura bordar em redor

⁴⁴ *Ibidem*. Adiante, p. 93.

⁴⁵ J. D. P., “Facetas duma vida: O meu último encontro com o Padre Américo”. *O Gaiato*, n.º 1106 (2 ago. 1986), p. 3.

⁴⁶ Rafael, Bispo de Limira, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 333 (8 dez. 1956), p. 1.

⁴⁷ Idem, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 332 (24 nov. 1956), p. 1.

⁴⁸ Padre Manuel Mendes, *Padre Américo: Itinerário vocacional*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 2014. A este, com justiça, devemos aditar os trabalhos de Ernesto Candeias Martins, em particular:

ou, por outras palavras, praticar a tão costumeira investigação da paráfrase.

Não percamos, porém, o fio. *Frei Junípero* era, em *Lume Novo*, o conhecido pseudónimo do seminarista Américo de Aguiar. Ao tempo, não suscitaria dúvidas a nenhum dos seus companheiros. Em todo o caso, porque são célebres dois Juníperos na família franciscana, não se trata de Frei Junípero Serra (1713-1784) — célebre evangelizador espanhol, beatificado em 1988 e recentemente canonizado —, mas de um dos primeiros companheiros e discípulo predileto de S. Francisco, a quem se juntou em 1210.

Junípero é caso paradigmático de simplicidade extrema, “homem de profunda humildade, de grande fervor de alma e caridade”⁴⁹ e, porventura, o frade que mais fez rir o mundo. Tão apreciado foi pelo *Poverello* de Assis que dele terá dito: “Será bom Frade Menor aquele que, como frei Junípero, se vencer a si próprio e ao mundo”⁵⁰ ou “quem me dera um bosque de Juníperos!” E, na quinta parte do *Espelho de Perfeição*, descrevendo o frade perfeito, “depois de personificar uma e outra virtude em algum dos primeiros irmãos” — designadamente os frades Bernardo, Leão, Ângelo, Masseu, Gil, Rufino, João dos Louvores, Rogério, Lucílio —, diz que

Padre Américo: O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social). Coimbra-Castelo Branco: Alma Azul, 2004. (2.ª ed. 2005).

⁴⁹ *Fontes Franciscanas. I. S. Francisco de Assis: Escritos, Biografias, Documentos*. 2.ª edição, coordenada por Fr. Manuel Marques Novo. Braga: Editorial Franciscana, 1994, p. 1336.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 1336.

o frade menor deve ter “a paciência de Fr. Junípero, que atingiu um alto grau de perfeição, porque ele tinha plena consciência da evidente realidade da sua própria baixeza e um ardente desejo de imitar a Cristo Crucificado”⁵¹. Também Wadingo afirmou: “Ninguém haverá tão ávido de honras como ele de vitupérios”⁵². (Deste ponto de vista, poder-se-á estabelecer relação com a máxima “Deseja que te não conheçam nem estimem”⁵³ que Américo de Aguiar enviou ao amigo António Moreira da Rocha, em missiva de 31 de março de 1926?⁵⁴) *A Vida de Frei Junípero* é um opúsculo que frequentemente acompanha as *Florinhas de S. Francisco*. Com génese na tradição oral dos irmãos durante o século XIV, pauta-se

⁵¹ *Ibidem*, pp. 1118, [1334]. Também na *Legenda de Santa Clara*, Celano a propósito da morte de Santa Clara: “Consolou-a de sobremaneira a presença de Frei Junípero, notável menestrel do Senhor que costumava deitar cá para fora, acerca de Deus, palavras cheias de fogo. Clara, com grande jovialidade, perguntou-lhe se sabia alguns ditos novos a respeito do Senhor. Ele começou a falar e da sua boca saíam ditos fervorosos, quais chispas chamejantes, e a virgem de Deus encheu-se de consolação com as suas comparações.” Santa Clara de Assis, *Escritos, Biografia, Documentos*. Trad. de Frei José António Correia Pereira. Braga, 1985, pp. 167 ss. *Apud: Ibidem*, pp. [1334]-1335.

⁵² Daniel Elcid, O. F. M., “El Hermano Junípero o la simplicidade”. In Idem, *Compañeros primitivos de San Francisco*. Madrid: BAC Popular, 1993, pp. 103-124. Em linha em: Idem, “Junípero de Asís compañero de San Francisco”. <http://www.franciscanos.org/enciclopedia/juniperoasis.htm>.

⁵³ Cf. Padre Manuel Mendes, *Padre Américo: Itinerário*, pp. 207-208, 328.

⁵⁴ A. Moreira da Rocha, “Memorial: Dois eclesiásticos. I. — O Padre Américo Monteiro de Aguiar”. *Penafiel (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)* n.º 1 (1972), p. 42.

pelas virtudes da alma franciscana e tem como tônica o humor e a graça, paredes meias com a loucura. Todavia, “é a loucura de alguém para quem só Deus é estável e firme e tudo o mais é leve e flutua”⁵⁵. Tudo isto aparece a nossos olhos representado em *Francesco Giullare di dio*, filme que Roberto Rossellini realizou em 1950⁵⁶. Conhecida a grata memória que Américo guardou do noviciado e seus mestres, não admira a sua eleição e homenagem ao Junípero das fontes que morreu em Roma, em 1258, e foi sepultado na igreja de Aracoeli.

Mal chega a ser necessário dizer que também a admiração de Américo por Francisco de Assis foi lição e contágio para os seus companheiros: “Os ‘Fioretti’ começaram a andar de mão em mão e os nomes de Frei Leão, de Frei Rufino e outros companheiros do *Poverello* tornaram-se familiares aos alunos, como o presépio de Greccio e o diálogo sobre a ‘perfeita alegria’ e a poesia das coisas simples que Francisco cantou no seu cântico das criaturas”⁵⁷.

Foi nossa intenção recolher e fixar neste volume toda a colaboração de Américo Monteiro de Aguiar em *Lume Novo*. Tê-lo-emos conseguido? Gostaríamos de acreditar que sim e até porventura com excesso de zelo.

⁵⁵ *Fontes Franciscanas. I. S. Francisco de Assis: Escritos, Biografias, Documentos*. 2.ª edição, p. 1334.

⁵⁶ Disponível, em versão integral, em: <https://www.youtube.com/watch?v=AkFP0zl1oCQ>

⁵⁷ Manuel Almeida Trindade, “O Padre Américo dos Gaiatos”. In Manuel Almeida Trindade; Gabriel de Sousa, *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991, p. 147.

Quando, em 1987, na passagem do primeiro centenário do seu nascimento, se prestou ruidosa e justa homenagem a Padre Américo Monteiro de Aguiar, publicámos dois contributos para a sua bibliografia⁵⁸. Manifestamente incipientes, nenhum referia as publicações de P.^e Américo fosse no *Lume Novo*, fosse, por exemplo, no *Correio de Coimbra*. Colmatámos essa e outras lacunas em posterior trabalho publicado em 1996/97, na revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica de Lisboa⁵⁹.

Terei, então, por aquela data, tido acesso aos 13 números de *Lume Novo* em que o seminarista Américo colaborou? Em rigor, não saberei responder, uma vez que conservo memória esbatida desse período. Todavia, como poderia ter referenciado as colaborações sem acesso aos números da revista? Claro e inequívoco é que recentemente, por maio-junho de 2015, procurando os referidos números na biblioteca do Seminário Maior de Coimbra, de três não se encontrou o paradeiro. São eles o n.º 5 (fev. 1928), o n.º 10 (jun. 1929) e o n.º 12 (abril 1930).

Não conhecíamos nenhum trabalho com os mesmos objetivos bibliográficos sobre Padre Américo

⁵⁸ Henrique Manuel Pereira, “Bibliografia do Padre Américo”. *Atrium* (Revista do Seminário Maior do Porto), n.º 2 (1987), pp. 103-107; e Henrique Manuel Pereira; Carlos A. Moreira Azevedo, “Bibliografia do P.e Américo”. *Humanística e Teologia* (Revista da Faculdade de Teologia. Porto), n.º 3 (1987), pp. 278-285.

⁵⁹ Henrique Manuel S. Pereira, “Américo Monteiro de Aguiar: Para uma bibliografia”. *Lusitania Sacra*. (Revista do Centro de Estudos de História Religiosa. UCP-Lisboa). 2.ª série (8/9) (1996/97), pp. 649-680. Volume dedicado à “Problemática religiosa no Portugal contemporâneo”.

desenvolvido em data anterior aos nossos. Após isso, sem qualquer acrescento ou precisão, vimos o que intitulamos por “Américo Monteiro de Aguiar: Para uma bibliografia” reproduzido em determinado trabalho acadêmico. Depois, como é natural e desejável, terá sido útil à posterior investigação dedicada ao fundador da Obra da Rua, designadamente aos relevantes trabalhos de Ernesto Candeias Martins e, desde logo, ao seu *Padre Américo. O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)* (2004). Aqui, como expectável, se encontra uma bibliografia consideravelmente ampliada.

Sem acesso aos números 5, 10 e 12 como pudemos fixar aqui os escritos que Frei Junípero publicou nesses números?

Em janeiro de 1959, em texto não assinado, e sob o título “Facetas de uma vida”, publicado em *O Gaiato*, o Padre Carlos Galamba fazia saber que a solicitude do então cônego Eurico Nogueira proporcionara “durante largos meses, saborosos e inéditos encontros com o Seminarista Américo de Aguiar, através dos seus escritos em ‘Lume Novo’. Saborosa e reveladora descoberta de uma personalidade multifacetada, que um sacerdócio plenamente vivido na sua essência de paternidade havia de evidenciar quando soasse a hora”⁶⁰.

Com efeito, nos inícios de outubro de 1957, a partir de Coimbra, o futuro bispo Eurico Dias Nogueira escrevia:

⁶⁰ [Padre Carlos Galamba], “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 387 (10 jan. 1959), p. 1.

Procurei na velha coleção do ‘Lume Novo’, a colaboração do saudoso Padre Américo, antigo aluno e superior deste Seminário.

Através destas crónicas, que se leem com sumo agrado, advinha-se já a ânsia de doação que, após o seu regresso definitivo a Deus, acompanhou toda a vida e norteou todos os passos do grande Herói da caridade cristã. Dá-los a conhecer aos numerosos leitores de ‘O Gaiato’ é proporcionar-lhes o inefável prazer espiritual de continuarem a ouvir o Padre Américo, como se vivo fosse, ao mesmo tempo que se contribui para um melhor conhecimento do insigne Mestre e Guia de todos nós.⁶¹

E concluí:

Aí vai pois uma boa dezena de artigos escritos por ele e geralmente assinados com o pseudónimo de *Frei junípero*, de que usava. São dos anos de 1926 a 1930. Tive o cuidado de juntar a cada um o n.º e data do ‘Lume Novo’ em que se encontra, acrescentando-lhe por vezes pequenas notas para melhor elucidação dos leitores.⁶²

Foi, portanto, por intermédio de *O Gaiato* que acedemos aos textos de Frei Junípero dos números 5, 10 e 12. Dali os transcrevemos, com o cuidado de conservar as aludidas notas de Eurico Dias Nogueira. Acrescentámos outras. Todavia, para evitar ares académicos e, quanto

⁶¹ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 358 (30 nov. 1957), p. 1.

⁶² *Ibidem*, p. 1.

possível, propiciar uma leitura próxima do original, consideramos oportuno colocar essas e outras notas não em rodapé dos textos mas no final dos mesmos, na imediata precedência dos anexos.

Persistem, contudo, duas dúvidas, sendo uma delas, na realidade, o que atrás designámos por excesso de zelo. A dúvida propriamente dita: ter-se-á perdido o texto intitulado “A piolhice nacional”, alegadamente publicado no desaparecido n.º 5 de *Lume Novo* ou faz ele parte de “Duas palavras acerca de duas coisas”, retomado em *O Gaiato*, ou ainda foi ele fundido naquele sem qualquer indicação? A análise de conteúdo do referido texto, embora não resolva a questão, parece dar-lhe fundamento⁶³.

“Alguma coisa do que eu senti” e “O apóstolo do amor e da vida” são escritos publicados no n.º 6, comemorativo do retiro espiritual pregado pelo P.º Mateo Crawley em fevereiro daquele ano. Serão eles da autoria de Américo Monteiro de Aguiar? Não os firma Monteiro d’Aguiar nem Frei Junípero. Na verdade não apresentam qualquer assinatura. Razão pela qual os não referenciamos no citado trabalho de 1996/97. Não obstante,

⁶³ Ernesto Candeias Martins não referencia “A piolhice nacional” na colaboração assinada por Frei Junípero [Américo Monteiro de Aguiar]. (Cf. Idem, *Padre Américo. O destino de uma vida*, pp. 266-267.) Nós, porém, na dúvida *e féis ao elenco* de 1996/97 (Henrique Manuel S. Pereira, “Américo Monteiro de Aguiar: Para uma bibliografia”. *Lusitania Sacra*. 2.ª série (8/9) (1996/97), p. 654), achámos por bem, manter aquela referência no elenco dos textos de Américo Monteiro de Aguiar (Frei Junípero) publicados em *Lume Novo* (veja-se, adiante, pp. 123-131), na esperança de que um dia alguém dirima a incerteza.

Ernesto Candeias dá-os como tendo sido escritos por Frei Junípero⁶⁴. Parece-nos pouco provável que tenha chegado àquela atribuição autoral apenas pela análise de conteúdo dos textos. Dever-se-á isso a informação veiculada pelo Rev.º Nunes Pereira⁶⁵?

Mateo Crawley-Boevey, apóstolo mundial do coração de Jesus, segundo a denominação de Pio XI, nasceu em Tingo, próximo de Arequipa (Peru), a 18 de novembro de 1875 e faleceu aos 84 anos de idade, a 4 de maio de 1960, em Valparaíso⁶⁶. Em finais de 1927 deslocou-se a Portugal⁶⁷. Proferiu várias conferências, em Lisboa, Porto, Braga, etc. Só em Coimbra terá feito três. As multidoes que o seguiam eram “esmagadoras”.

Em depoimento atrás citado, Luciano de Carvalho afirma ter visto Américo, em 1928, “ajoelhado diante do Santíssimo, com as mãos a cobrir a cara e a chorar convulsivamente”, após uma conferência do Padre Mateo. No *Lume Novo*, e por conseguinte adiante, em “Uma rapsódia” (pp. 153-161), Frei Junípero afirma ter-se lembrado de um seu antigo mestre do noviciado quando dias antes ouvira o Padre Mateo falar na *stultitia crucis*. Particularmente expressiva é a carta que dirigiu a

⁶⁴ Cf. Ernesto Candeias Martins, *Padre Américo. O destino de uma Vida*, p. 267.

⁶⁵ Será talvez oportuna a leitura da nota do rodapé da página 218. Cf. *Ibidem*.

⁶⁶ “Fr. Mateo Crawley-Boevey, ss.cc.: Founder and Apostle of the Enthronement of the Sacred Heart”: http://www.sccc.org/x_pdf/Men-Sacred-Hearts/fr-mateo-final%202007.pdf. Consultado em 7 jan. 2014.

⁶⁷ Cf. Padre Manuel Mendes, *Padre Américo: Itinerário*, pp. 214-216.

seu irmão Jaime Aguiar, com data de 27 de fevereiro de 1928, narrando-lhe um “caso extraordinário”:

Padre Mateo é um sacerdote americano que anda pregando por toda a Europa, em todas as línguas. É um gênio de santidade como os há nas artes, letras, armas, etc. Impossível dizer o que ele diz, como diz, e como impressiona. Deu aqui 3 conferências a intelectuais, na n/ sala nobre, que comporta 700 pessoas, sempre à cunha. À última não fui. Desejaria imenso ir. Oh, sim. Desejara. Não fui. Um sacrifício. Durante a conferência “conversei” com Deus, de joelhos. Pedi para que aqueles intelectuais vissem todos o que eu dantes não via e agora vejo. Mas pelo menos um, Senhor, disse eu. Sequer um, dos mais sábios e mais desgraçados. No final da conferência aparece um cavalheiro, Dr. X, deu-me o cartão, e o que se passou entre nós ninguém o saberá. No dia seguinte, sábado, levava-o ao quarto de Padre Mateo e no dia seguinte ainda, Domingo, na falange de 492 intelectuais que comungaram à Missa do Padre, ajudando Dr. Y e um quintanista de Direito, vi o meu herói, que no fim, às escondidas, com os olhos marejados, me agradece tamanho favor. Eis o caso.⁶⁸

Foi Padre Carlos Galamba quem, uma vez mais na preciosa rubrica “Facetas de uma vida” de *O Gaiato*, deu a conhecer esta missiva. Introduzindo-a e comentando “a profunda impressão” que a passagem de P.^e Mateo

⁶⁸ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 496 (16 março 1963), p. 1.

por Coimbra deixara na alma de Américo, afirma: “Essa impressão foi realmente tão profunda que tantos anos depois, várias vezes lhe ouvi aludir com um entusiasmo renascido, como de quem venceu o tempo e se transportou à presença entusiasmante”⁶⁹. Por tudo quanto atrás se disse — e será porventura o nosso aludido excesso de zelo —, optámos pela integração de “Alguma coisa do que eu senti” e de “O apóstolo do amor e da vida” no presente volume.

No contexto da matéria de que nos vimos ocupando, releva no jornal quinzenário da Obra da Rua a aludida rubrica “Facetas de uma vida”. Com início em 18 de agosto de 1956, com acentuadas intermitências após meados da década de 1960, foi-se prolongando até 1986, sob a clara e evidente coordenação do Padre Carlos Galamba e a dinâmica cumplicidade de Júlio Mendes. O que é “Facetas de uma vida”? A palavra ao seu coordenador: “uma coleção de apontamentos ou de retratos parciais, em ordem à oportuna, séria e amadurecida confeção de uma biografia intencionalmente objetiva (quero dizer: honestamente histórica) e nada mais”⁷⁰. A rubrica ia saindo ao ritmo que os “apontamentos” e “retratos” iam chegando, bem como ao da disponibilidade para os tratar minimamente. Por conseguinte, “a ordenação cronológica ou sistemática dos episódios” não constituíam preocupação⁷¹.

Mal chega a ser necessário, portanto, repetir que *O Gaiato* é tesouro. O manifesto estado de degradação de

⁶⁹ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 496 (16 março 1963), p. 1.

⁷⁰ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 387 (10 jan. 1959), p. 1.

⁷¹ *Ibidem*, p. 1.

vários números avulsos em arquivo, bem como a dificuldade de reconstituir uma coleção ou de aceder às existentes, fizeram com que, em 2012, instássemos com a direção da Obra da Rua para que se procedesse à urgente digitalização de toda a coleção. Está(va) em causa, sem retórica nem exagero, um património e não apenas da Obra da Rua ou da Igreja, mas da cultura portuguesa.

Pelos inícios de 1986, estavam em perspetiva as celebrações do centenário do nascimento de Padre Américo, a ter lugar no ano subsequente. De entre as cinco iniciativas projetadas, com o parecer favorável da Conferência Episcopal Portuguesa, contava-se a edição do “livro *Facetas de uma vida*” já à data “em preparação”⁷². Volvidos cerca de 30 anos não há notícia do livro e, porventura mais grave, em 2012, a própria rubrica, estava pouco mais do que esquecida⁷³.

⁷² Padre Telmo, “Aniversário”. *O Gaiato*, n.º 1091 (4 jan. 1986), p. 3. Retomado em Telmo Ferraz, *Mibangas e Frutos*. Fixação do texto e organização de Henrique Manuel Pereira. Bragança: Diocese de Bragança Miranda-Casa do Gaiato, 2013, vol. 1, p. 384.

⁷³ À data, trazíamos em mãos o processo de inventariação e fixação dos textos do Padre Telmo Ferraz publicados em *O Gaiato*, tendo em vista assinalar, no ano seguinte, a efeméride dos 50 anos da Obra da Rua em Angola. Resultaram desse trabalho os dois volumes de *Mibangas e Frutos*. Em simultâneo, e de forma mais concentrada no verão daquele ano, procedemos também à identificação/inventariação de “Facetas de uma vida”, bem como à fixação dos seus textos. As cerca de 500 páginas recolhidas constituem, ainda hoje, a nossos olhos, uma imprescindível fonte de informação para uma biografia “honestamente histórica” de Padre Américo. Nesse pressuposto e perspetivando a sua publicação as entregámos à direção da Obra da Rua. Também então partilhámos o conjunto digitalizado de “Facetas de uma vida” com quantos investigadores no-las solicitaram.

De regresso aos finais do decénio de 20 do século passado, em Coimbra. Considerados no seu conjunto, e pese embora a variedade temática, os escritos de Frei Junípero, isto é, de Américo de Aguiar em *Lume Novo*, manifestam a mesma preocupação tangível e constante que atrás sublinhámos. Com efeito, “o enamorado de Deus; de Cristo no Pobre; da beleza; da sacralidade das coisas simples; da sinceridade; da alegria sem malícia — já se adivinha”, nota Carlos Galamba, “naqueles artigos despreziosamente formativos, que ele escrevia pensando nos seus jovens e inexperientes companheiros na subida ao Sacerdócio do Mestre”⁷⁴.

Pela leitura dos testemunhos e pelo que deles se infere, a cultura e a erudição de Américo seriam por certo extensivas e rigorosas aos olhos dos seus condiscípulos. Causará, por isso, perplexidade que em 1947, sem relutância nem pudor, confesse em *O Gaiato*: “Eu cá não leio nada. Não estudo nada. Não sei nada. Tenho só um livro; é o Novo Testamento. Começo no princípio e vou por aí fora até ao fim. Torno a começar e vou, vou, até acabar. Isto durante um ano. Isto durante dois. Isto sempre”⁷⁵. Seria já essa, durante o tempo de Seminário, a sua leitura tutelar e exclusiva? Isso parecem afirmar os seus contemporâneos. Assim António Rodrigues Alexandre: “Nunca o vi estudar os sermões em nenhum livro, nem tinha apontamentos, nem esquemas, nem

⁷⁴ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 387 (10 jan. 1959), p. 1.

⁷⁵ [Padre Américo], “Incendiários”. *O Gaiato*, n.º 95 (18 out. 1947), p. 1.

fichas. Mas o que sempre observei foi que uma hora antes ninguém lhe falasse, que não atendia.” E acrescenta: “Buscava a igreja e orava diante do Santíssimo. Às vezes pegava no Evangelho durante esse tempo... Esta foi sempre a sua preparação”⁷⁶. Manuel Antunes corrobora “que em estudante nenhum outro livro lhe conheceu além da Sagrada Escritura”. E que mesmo esta, “não lia! Meditava”⁷⁷. Por seu lado, Augusto Nunes Pereira “adianta que o Américo leu e meditou profundamente ‘S. Vicente de Paulo’ (ficando até de lhe dar o nome do Autor e Editores do livro)”⁷⁸. A eles se junta José Augusto de Miranda, outro seu contemporâneo, ao testemunhar que Américo “no Seminário não lia literatura de nenhum género. O seu livro era o Evangelho”. Não há por que duvidar destas instâncias de validação, com ressalva para *The National Geographic Magazine*, revista “que até ao fim da vida Pai Américo” terá continuado “a ler com imenso agrado”⁷⁹. Os exemplares desta revista, que reputava de “esplêndida”, chegavam-lhe ao Seminário por via do seu amigo Simão Neves⁸⁰ e

⁷⁶ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 388 (24 jan. 1959), p. 1.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 1.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 1.

⁷⁹ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 433 [15 out. 1960], p. 2.

⁸⁰ Veja-se o excerto de uma missiva datada do Seminário de Coimbra, 9 de outubro de 1926: “Como eu agradeço e aprecio a leitura das esplêndidas revistas que mandou e há de continuar a mandar! Como eu sou feliz em tê-lo por Amigo! Eu trato-as com muito carinho porque compreendo que estas revistas constituem um valor importante na vossa futura bibliotecazinha, para os seus filhos. Não as remeto pelo correio. Espero por si ou portador idóneo.” *Ibidem*, p. 2.

ter-lhe-ão fornecido matéria para alguns dos textos que publicou em *Lume Novo*⁸¹.

Há, contudo, indicadores — colhidos, na generalidade, das cartas trocadas com Simão Neves, tornadas públicas em *O Gaiato*, na rubrica “Facetas de uma vida” — de que Américo de Aguiar era homem atento aos dinamismos da cultura⁸². Se antes ainda de entrar no noviciado, em *post scriptum*, sugeria a Simão: “P. S. — Compre o

⁸¹ Será o caso, por exemplo, de “Estranhos costumes do Oriente”, “As pombas”, “Mulheres depreciadas”, “Uma grande descoberta”, “As pérolas”, “Os albinos”.

⁸² Assim, por exemplo, em novembro de 1926: “Vai por esta mala: / Um número de ‘The Universe’, jornal católico que uma tal Miss Stapleton me manda regularmente, para que V. assim possa ajuizar da vitalidade da Igreja Universal, visto como este não é o único nem o maior jornal católico que se publica em Londres. Dentro vai um artigo que rasguei doutro número, sobre a Obra Maçónica na revolta do México. / Vai a revista ‘Os estudos.’ / Vai uma tese sobre o ideal cristão apresentado por um estudante de medicina, atualmente monge de S. Bento, em Espanha. O seu espírito não está em condições de assimilar a doutrina, que é toda de vida sobrenatural, ao contrário do Marden, que é naturalista. No entanto, eu desejo muito que V. leia com interesse. / Fico à espera das suas revistas. São cheias de interesse e erudição.” “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º [437] (10 dez. 1960), p. 2. Ou, de uma outra datada de Coimbra, 20-1-1927: “Vai por este um estudo de Sociologia, ‘A Ciência Social na Educação e na História’, por um Lente desta Universidade, Dr. Serras e Silva, que há tempos comprei, e no decorrer da sua leitura descobri que lhe pode ser mui útil [...]. Recomendo também o ‘Santuário da Montanha’, se ainda o não obteve. É interessante. O grande sábio foi nos seus tempos Alpinista apaixonado. Descreve os fenómenos da natureza numa linguagem rigorosamente científica e extraordinariamente acessível. Chamo a sua particular atenção para o epílogo. Se aí não há à venda, diga que lho mando. / Sobre magazines, estou esperando. [...]” “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 441 (4 fev. 1961), p. 3.

‘Deserto’ de Manuel Ribeiro e compre a ‘Cathedral’ do mesmo^[83]. Note, quando li o Deserto, já estava a preparar as m/ cousas para seguir para o Convento, por isso não julgue que o meu passo, são influências do livro. *Não!*”⁸⁴. Também já no Seminário, por novembro de 1926, Américo lhe escrevia: “Quando chegar aí ‘O Santuário de Montanha’, saído agora dos prelos, compre e leia. Interessa-lhe por ser obra de Gomes Teixeira^[85], sábio de reputação feita, [...] e ainda porque o autor ama muito a Deus e a Natureza e é um católico praticante. Se aí não aparecer, diga-o, que eu mando daqui.”⁸⁶ Pela mesma data e ao mesmo interlocutor: “Veja as biografias de Garrett, Dickens, Antero, João de Deus, e tantos outros. Como estes homens sofreram, só porque trabalharam por ser perfeitos. Sucede assim com todos. Quem quiser ser bom e reto sofre muito [...]”⁸⁷. Contudo, como se disse, o Evangelho era a charneira e o horizonte das suas leituras, mesmo quando, em janeiro de 1927, citava Rousseau: “O célebre pensador francês J. J. Rousseau dizia assim: — ‘Vejo tanta injustiça na história dos homens que estou certo que as contas se saldaram depois da morte’. Disse uma verdade do Evangelho, ele que O não seguiu nem acreditou”⁸⁸.

⁸³ Dois romances, respetivamente: Manuel Ribeiro, *O Deserto*. Lisboa: Liv. Guimarães, 1920; e Idem, *A Cathedral*. Lisboa: Guimarães, 1919.

⁸⁴ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 414 (23 jan. 1960), p. 3.

⁸⁵ F.[rancisco] Gomes Teixeira, *Santuários de Montanha: Impressões de Viagem*. Lisboa: Clássica, 1926.

⁸⁶ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 438 (24 dez. 1960), p. 2.

⁸⁷ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 433 [15 out. 1960], p. 2.

⁸⁸ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 441 (4 fev. 1961), p. 3.

No que respeita à qualidade da escrita de Américo de Aguiar há um dado curioso: ontem como hoje, a sua prosa “lembra” Eça de Queiroz⁸⁹. A aproximação estilística não é descabida, tanto mais que José A. de Miranda ter-lhe-á perguntado um dia:

— Como é que o Padre Américo adquiriu esse seu estilo tão vivo, tão original, tão direto e tão enérgico?

Resposta dele:

— Lendo só Eça de Queiroz.⁹⁰

Admitindo uma eventual suspeita por parte de quem nos conhece e lê, a prosa de Américo Monteiro de Aguiar, em certas passagens e textos de *Lume Novo*, lembra-nos também Guerra Junqueiro. Sucede assim, por exemplo, em “Mansões de Paz”, um pouco em parágrafos de “As experiências de dois famosos viandantes”, mas, sobretudo, no ritmo de “O cantador”. Remete-nos este último para o prefácio de Junqueiro ao livro *Versos do cantador de Setúbal*, de António Eusébio (Calafate)⁹¹. Tê-lo-á lido Américo de Aguiar? Embora possível, não é provável. Deve, contudo, notar-se que o autor de *Os Simples* retomou aquele texto em *Prosas Dispersas*⁹². De resto, todas

⁸⁹ Cf. “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 388 (24 jan. 1959), p. 1.

⁹⁰ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 1094 (15 fev. 1986), p. 4.

⁹¹ António Eusébio (Calafate), *Versos do cantador de Setúbal: (Reunidos, colleccionados e seguidos d'algumas palavras àcerca da vida do auctor por um seu amigo)*. Lisboa: [s.n.], 1901, pp. [VII]-X. O amigo a que se alude é Henrique das Neves.

⁹² Guerra Junqueiro retomou o texto deste prefácio com significativos cortes e alterações em *Prosas Dispersas*. Porto: Lello & Irmão, 1921, pp. 27-33.

as aproximações a Junqueiro nos remetem para *Prosas Dispersas*, obra lançada a público em novembro em 1921. Que Américo de Aguiar a leu não restam dúvidas. Ele o declara em setembro de 1925, em extensa carta dirigida ao seu especial amigo Simão Neves. Desenvolvendo a ideia de que “esta vida terrena é simplesmente uma preparação para a eterna”, pois “assim nos ensina a razão, o bom senso e acima de tudo a fé, virtude que gera todas as outras”, Américo sugere: “Leia *Prosas Dispersas* de Guerra Junqueiro”⁹³. Por conseguinte, por nunca o termos visto sequer sugerido, o que na leitura imediata nos pareceu conjectura insensata, embora ganhando consistência nas leituras continuadas, só na sugestão de Américo foi confirmação e motivo de festa íntima. O nível de aproximação a Junqueiro carecia de demonstração e aprofundamento consequente. Limitemo-nos, por ora, a assinalá-lo.

Mas, perguntar-se-á, o homem que fez “das lágrimas tinta de escrever”⁹⁴ tem lugar ou “pertence à Literatura”? Zacarias de Oliveira avança: “pertence e será conveniente, para bem das letras portuguesas, que ele tenha o seu lugar, o lugar que merece, conquistado por um domínio da frase direta, da frase que diz, escolhendo as palavras mais apropriadas, colhendo-as na fala popular, enriquecendo o léxico.”⁹⁵ Afirmava-se pelos inícios de 1970: “Houve já, sem dúvida, quem apontasse o Padre

⁹³ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 425 (25 jun. 1960), p. 2.

⁹⁴ Padre Américo, *Pão dos Pobres*. 5.ª edição. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1986, vol. 1, p. 92.

⁹⁵ Zacarias de Oliveira, “O Cantador”. *Penafiel. (Boletim de Cultura da Câmara Municipal)*, n.º 1 (1972), p. 32.

Américo como um dos maiores prosadores do seu tempo entre nós. A afirmação ficou no ar e nada se lhe seguiu: ainda não apareceu um estudo do *escritor* Padre Américo”, mais, “ainda se não esboçou sequer uma antologia literária da sua obra, por onde se aprendesse português e a amar os outros como irmãos”⁹⁶.

Em torno da sua qualidade de escritor foi crescendo, pois, uma atmosfera de opinião pacífica e unânime. Todavia, tal qualidade não foi ainda minuciosamente analisada ou só marginalmente o terá sido. Tardará a aparecer quem se debruce sobre Padre Américo enquanto “Artista da palavra”⁹⁷?

O anteriormente evocado José Ribeiro da Costa, companheiro de Américo no Seminário, afirma que “além das palestras no Círculo de Estudos e dos artigos de *Lume Novo* não me consta que fizesse manifestação de escritos”⁹⁸. Há notícia de um artigo, talvez mesmo dois, de Américo de Aguiar, anteriores à revista dos alunos do Seminário de Coimbra. Estarão hoje irremediavelmente perdidos⁹⁹. Por conseguinte, *Lume Novo* é momento seminal. Nele começam os caminhos da prosa literária de Américo Monteiro de Aguiar. No pressuposto de que “o escritor não diz só o que escreve; diz também o que é”, qualquer estudo sério de Américo (também) enquanto

⁹⁶ *Ibidem*, p. 32.

⁹⁷ Há muito que o desafio vinha sendo feito. Mais recentemente, foi reiterado por Padre Carlos Galamba, “Prefácio”. In Ernesto Candeias Martins, *Padre Américo: O destino de uma vida*, p. 5.

⁹⁸ “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 391 (7 março 1959), p. 5.

⁹⁹ Ernesto Candeias Martins, *Padre Américo: O destino de uma vida*, p. 255 e nota 392.

escritor ou “Artista da palavra”, não poderá doravante passar à margem das primícias do *Lume Novo*. Muito além dos óbvios elementos biográficos e análises circunstanciais, em *Lume Novo* se abre um campo de conexões mais vastas que não temos possibilidades de percorrer neste momento.

Característica significativa da revista dos alunos do Seminário de Coimbra é também a ilustração através da gravura e desenho, via de regra a caneta e tinta. Na impossibilidade de um *fac-símile*, procuramos reproduzir aqui o maior número de material gráfico que acompanha os treze primeiros números de *Lume Novo*, devido, na generalidade, à pena de Augusto Nunes Pereira. Para o efeito, aqui se oferecem as capas e frontispícios a que conseguimos aceder, as capitulares que iniciam cada texto de Américo Aguiar, os desenhos que os acompanham (embora, por vezes, acrescentássemos outros, quanto possível do mesmo número), bem como a original assinatura manuscrita dos respetivos textos. Cofundador e dinamizador, como vimos, de *Lume Novo*, filho de António Nunes Pereira, escultor santeiro, e de Ana Gomes, natural de Mata de Fajão, concelho de Pampilhosa da Serra, A. Nunes Pereira foi admitido no Seminário de Coimbra em 3 de setembro de 1919 como aluno pensionista¹⁰⁰. Tendo sido ordenado presbítero

¹⁰⁰ Consta matriculado com o n.º 106. Segundo este registo, recebeu Prima Tonsura e Menores em 18, 19 e 20 de dezembro de 1925; subdiaconado em 23 de julho de 1928; diaconado em 7 de junho de 1929; e o presbiterado em 28 de julho de 1929. Foi pároco em

juntamente com Américo Monteiro de Aguiar e José Marques Pereira¹⁰¹, natural seria que outro (Dario) lhe tomasse a pena e continuasse a ilustração dos números subsequentes. A. Nunes Pereira faleceu a 1 de junho de 2001. Fixar as suas ilustrações é não apenas restituí-las ao texto e formas originais. É prestar homenagem ao seu criador, humilde e notável artista que tivemos o privilégio de conhecer já como Monsenhor Nunes Pereira mas não a lucidez para o entrevistar. Em *Lume Novo* se encontram também as suas primícias artísticas.

Montemor-o-Velho, Coja e em São Bartolomeu, Coimbra, até se aposentar. Entre 1952 e 1974 foi chefe de redação do *Correio de Coimbra*, tendo-o ilustrado abundantemente. “Dirigiu o Museu de Arte Sacra do Seminário Maior de Coimbra. Colaborou no estudo de monumentos, na valorização do património arqueológico da Igreja de São Bartolomeu e investigou sobre os túmulos e o púlpito de Santa Cruz, tendo colaborado no inventário cultural de Arte Sacra da diocese de Coimbra. Fundador do Movimento Artístico de Coimbra e da Sociedade Cooperativa de Gravadores de Portugal e sócio da Sociedade Nacional de Belas Artes. Possui numerosos artigos, poemas e ilustrações em jornais, catálogos, opúsculos e monografias.” Cf. <http://aldeiasdoxisto.pt/poi/1416>; e http://www.snpcultura.org/arquivo_vemos_ouvimos_e_lemos_padre_nunes_pereira.html. Consultado em 9 set. 2014.

Padre Américo ter-lhe-á dito: “Pode-se ser padre e artista [...]. Repara, por exemplo, em Fr. Angelico que, sem deixar de ser um bom monge foi o artista que foi”. [António de Jesus Ramos], “Padre Nunes Pereira vai ser homenageado em Fajão e em Coimbra”. *Correio de Coimbra*, n.º 2406 (7 ago. 1980), p. 4, col. 5. Citação retomada em Mário Nunes [Coord.], *Monsenhor Augusto Nunes Pereira no centenário do seu nascimento*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2008, pp. 81-82.

¹⁰¹ Cf. “Ordenação”. *Boletim da Diocese de Coimbra*, n.º 7-12 (1 e 15 jul.-1 e 15 set. 1929), p. 66.

Manuel de Almeida Trindade formulou uma síntese eloquente do que de substancial atrás se disse:

Se o Seminário ajudou o Américo a aprofundar a sua fé e a robustecer os seus hábitos de oração e de domínio de si mesmo, o Américo pagou, com medida larga, pela influência exercida, o bem recebido. Américo de Aguiar estava na casa dos 40 anos. Trazia consigo uma experiência da vida que nenhum dos seus jovens discípulos ou colegas de Seminário possuía. Ele conhecia as coisas por dentro. A sua decisão de ser padre e a alegria que isso lhe dava contagiava os companheiros. Mais. Ele vinha de um ambiente evoluído; convivera em Moçambique com gente de vários quadrantes ideológicos e religiões: os ingleses, com os seus hábitos de higiene e o *fair-play* que os caracteriza, contagiaram-no também a ele.¹⁰²

Depois, e em suma, foi como se sabe: o bispo do Porto arrependeu-se de o ter repudiado¹⁰³ e o de Coimbra deu

¹⁰² Manuel Almeida Trindade, “O Padre Américo dos Gaiatos”. In Manuel Almeida Trindade; Gabriel de Sousa, *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 1991, p. 147.

¹⁰³ Neste sentido testemunha seu irmão, o P.º José Monteiro de Aguiar: “Mais tarde, falando-me o Bispo do Porto sobre o Américo, disse-me ‘que estava arrependido pelo não ter admitido, que tinha dele magníficas informações pelo colega de Coimbra, que este o considerava como bênção para a sua diocese’. E, como desabafo íntimo: ‘Ou cá ou lá, serve a Igreja, enfim presta serviços a Deus.’” José Monteiro de Aguiar, “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, n.º 326 (1 set. 1956), p. 2.

graças pela bênção que lhe caíra na diocese¹⁰⁴. A 28 de julho de 1929, Américo Monteiro de Aguiar é ordenado presbítero. Manuel Peixoto, podia, pois, afirmar: “Um dia feliz! Foi-o sem dúvida esse para o ‘Frei junípero’ a quem o *Lume* [Novo] deve as suas melhores páginas”¹⁰⁵. E, homem de um só livro, Padre Américo tornou-se “incendiário”¹⁰⁶!

Pinheiro Manso, 9 set. 2015

*Henrique Manuel Pereira*¹⁰⁷

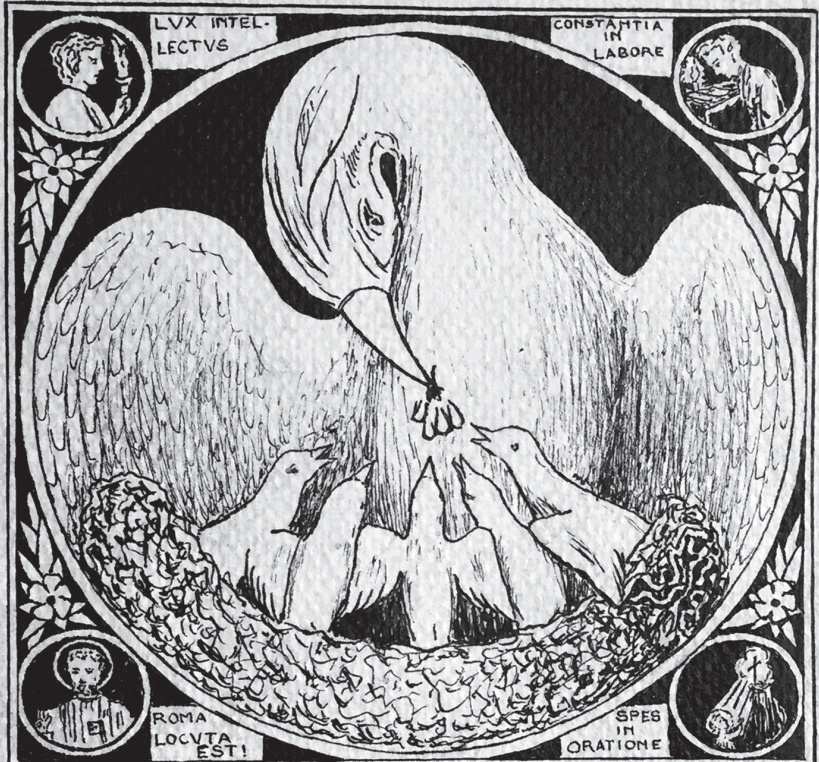
¹⁰⁴ “Da boca do mesmo Senhor Bispo”, ouviu o Padre Avelino Soares, “no Seminário de Coimbra, estas palavras, que eram já, naquela altura, um precioso testemunho: ‘Hesitei em receber este homem e afinal foi uma grande bênção de Deus que caiu sobre a minha Diocese.’” P.º Avelino Soares, “Fugido de si mesmo”. *O Tempo*. Penafiel, n.º 12 (9 jul. 1972), p. 1. Além de acolher Américo Monteiro de Aguiar no Seminário de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, “homem de uma só cara e de um só falar”, também o ordenou. Aquando da sua morte, em 1 de março de 1936, Padre Américo expressou-lhe publicamente a sua gratidão em o *Correio de Coimbra*: “Deu-me Ordens Sacras, fez-me Sacerdote: o maior de todos os títulos, para a maior de todas as gratidões.” Padre Américo, *Pão dos Pobres*. 5.ª edição. Paço de Sousa: Casa do Gaiato, 1986, vol. 1, p. 170.

¹⁰⁵ M. P. [Manuel Peixoto], “Ordenação”. *Lume Novo*, n.º 11 (nov. de 1929). Adiante na íntegra, p. 255.

¹⁰⁶ [Padre Américo], “Incendiários”. *O Gaiato*, n.º 95 (18 out. 1947), p. 1.

¹⁰⁷ Desejo manifestar o meu grato reconhecimento às Sras. D. Maria do Rosário Almeida e Dra. Diana Fonseca; ao Sr. Cónego Aníbal Pimentel Castelhana; bem como aos Srs. Padre Pedro Alexandre dos Santos e, de modo particular, Padre Manuel Mendes. Eles conhecem a razão deste agradecimento.

Nº 1



LUME NOVO



LUME NOVO

NÃO É DE PÃO QUE O HOMEM VIVE APENAS,
VIVE TAMBÉM DE LVZ.

Ó PADRE-MOSSO, COM O PÃO DE CADA DIA,
DAMOS A LVZ DE CADA NOITE,

— AMEM, JESVS!

António Sardinha.

SEMINÁRIO DE COIMBRA,

8 de Dezembro de 1926. **,

DIA DA IMACVLADA CONCEIÇÃO:

